

## ***Globalização, desenvolvimento urbano e gentrificação: O caso da Colônia de pescadores de Itapoã – Vila Velha – ES***

Suelem Simão (Mestranda em Sociologia Política – PPGSP – UVV)

### **Introdução**

Ao chegar no século XX as cidades ganharam novos ares, o aspecto moderno configura uma nova arquitetura, as novas técnicas de produção se intensificam assim como o crescimento do tecido urbano, que juntamente com a globalização por sua característica de expansão colabora para a formação das grandes metrópoles.

Esse processo de metropolização vem aumentando nos últimos anos, principalmente no final do século XX, período em que a globalização se intensifica. As metrópoles são dotadas de um centro econômico e cultural, onde se concentram a habitação e mobilidade das classes sociais mais altas. Com preços elevados e indisponibilidade de moradia para as classes menos favorecidas, estas tendem a se assentar em áreas periféricas, que geralmente são menos providas de infraestrutura urbana e investimentos públicos e privados (ROBIRA, 2005). Quando essas regiões periféricas adquirem maior relevância para o uso das classes altas, tende-se a atrair o interesse por investimentos imobiliários e de regeneração urbana, gerando processos de gentrificação. A população que tradicionalmente ocupava essas áreas desimportantes para o desenvolvimento econômico local, passa a ser progressivamente expulsas de suas habitações, tanto para ceder os terrenos a novos empreendimentos imobiliários, como também como efeito da elevação dos preços dos imóveis e bens de consumo comercializados no bairro (BIDOU ZACHARIASEN, 2006).

A pesquisa se propõe a verificar se o processo de gentrificação está acontecendo com a colônia de pescadores da praia de Itapoã em Vila Velha – ES. Esta colônia que faz parte da história da cidade e é símbolo da antiga atividade pesqueira, que mesmo ocupando poucos

quarteirões da orla da praia, está sendo esmagada pelos grandes investimentos imobiliários que está revitalizando a área forçando os moradores tradicionais a se realocarem.

### **Globalização como motor do processo de metropolização**

Octavio Ianni (1995) fala de fábrica global para descrever a globalização.

A fábrica global instala-se além de toda e qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social e outras forças produtivas. Acompanhada pela publicidade, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, misturadas em jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videoclipes, fax, redes de computadores e outros meios de comunicação, informação e fabulação, dissolve fronteiras, agiliza os mercados, generaliza o consumismo. Provoca a desterritorialização e reterritorialização das coisas, gentes e ideias. Promove o redimensionamento de espaços e tempos (IANNI, 1995, p. 18).

O fenômeno da globalização se intensifica com o declínio do século XX e o início do século XXI e afeta diretamente os territórios sob as formas de megacidades, cidades globais ou de comunidades de caráter exclusivo, uma vez que o movimento de reterritorialização possui suas particularidades. Cada espaço possui sua estética e se torna forçoso compreender os movimentos que reconfiguram os territórios contemporâneos, visto que o “urbano generalizado” é enganoso, crescendo a procura pela geografia e urbanismo. Muitos territórios são discriminados pela globalização territorial, pois “afasta assim os territórios que favorecem o acesso aos dispositivos daqueles que não os alcançam [...]” (MONGIN, 2009, p.155).

O processo de globalização transmite aos diversos espaços e cenários uma tendência tecnológica na arquitetura, dando um ar de racionalidade, a utilização de materiais industrializados, imitações de metais e reforma de espaços tradicionais. Esteticamente, são considerados opções para o espaço urbano globalizado deixando a cidade com uma nova feição e função, além das cidades serem os nós da rede globalizada e estes espaços são destinos de pessoas de diferentes religiões, raças e etnias, estes dois fatores tornam as cidades cada vez mais parecidas. O crescimento do tecido urbano forma as grandes metrópoles que sediam os fatos da contemporaneidade, este se amplia do centro para a periferia gerando núcleos diferenciados que buscam novas identidades. (COSTA, 2005).

Essa reestrutura econômica e espacial pós-fordista se torna líder no que diz respeito a nova economia urbana global por reconfigurar as cidades e os espaços centrais das metrópoles (RODRIGUES, 1999).

Para Mongin (2009) essa questão metropolitana condiz com a expansão urbana, a policentralidade e a presença de cidades-centro composta pelos *inners-cities* que são bairros onde vivem as pessoas fragilizadas, e o setor de negócio.

Segundo Sanchez (1993) a metrópole se privilegia por alguns motivos, como:

- sua maior e melhor vinculação à rede mundial (economia de posição e localização);
- sua maior e melhor infraestrutura de imitação, como a economia de aglomeração;
- sua dimensão, que lhe permite uma economia de escala mínima sobre a qual apoiara economia de aglomeração, de forma a se obterem lucros, objetivos básicos das empresas (SANCHEZ, 1993, p. 298-299).

Mesmo com tais privilégios, existe outro lado da metropolização, ou seja, é a região periférica, havendo mesmo em países ricos. O trinômio: superpopulação, pobreza e desigualdade caracterizam este espaço segregado e as contradições dessa estrutura dualista que forma na metrópole devido ao processo de globalização se evidenciam fortemente (GASPAR, 2005).

### **A formação da periferia e o processo de gentrificação**

Para Mongin (2009) analisar a evolução demográfica permite compreender a discrepância do ciclo europeu e o ciclo globalizado dos fluxos urbanos incontrolláveis materializando-se por metrópoles, megacidades e cidades-mundo. Essa diferença nutre a imagem do caos e representa a cidade-massa, diferente daquela do século XIX. “Essa constatação de uma degradação do espaço urbano subentende uma “estética do desaparecimento”, segundo a expressão de Paul Virilio, que pouco se presta a uma apologia do caos” (MONGIN, 2009, p. 170).

Mas a fragmentação espacial vai além da urbanização, há uma separação mental: o social, o espacial e o mental seguem a mesma evolução (MONGIN, 2009).

A distância – entre as regiões de habitação social e o periurbano residencial, entre este e os centros gentrificados das grandes cidades – é vivida como rejeição de um universo pelo outro, alimentando o amargor e as fricções, o sentimento de não pertencer a uma mesma cidade, a uma mesma sociedade (JACQUES DONZELOT apud MONGIN, 2009, p.209).

As três velocidades (exclusão, periurbanização e gentrificação) relatadas acima se caracterizam: periurbanização por atingir uma zona periférica formado de loteamentos residenciais; gentrificação por desqualificar um espaço; e exclusão por relegar zonas de habitação social. Essas características faz compreender as mudanças sofridas pelas metrópoles devido o papel decisivo da globalização e a entrada da era pós-industrial, as questões sociais que favorecem o crescimento do sentimento de desigualdade (MONGIN, 2009).

A globalização submete os estados ao processo de hierarquização que vão do centro à periferia neste contexto a análise do espaço desigual repousa sobre a relação de dominação-subordinação que se baseia na acumulação de capital, centralização de poder, criando a metrópole como o último nível de urbanização e é neste espaço que a fragmentação acontece com mais intensidade (CARLOS, 1993, p. 306).

A metrópole possui um espaço central e toda centralidade para ser efetiva necessita de um espaço subordinado, que neste caso é a periferia, dotada de características opostas do centro (ROBIRA, 2005). Sobral (1997) fala do processo de globalização como incentivador da metropolização e este está intimamente ligado à pobreza e a ânsia pelo desenvolvimento econômico. Para a autora os países do Terceiro Mundo têm tentado acompanhar os países industrializados com a modernização da tecnologia, mas nestas cidades dos países do Terceiro Mundo a urbanização acontece em função do transporte individual. Ao tentar solucionar o problema do trânsito da cidade com obras de viadutos, pontes e outros desse segmento acabam-se destruindo a vegetação e deteriorando a cidade. A população de alta renda se muda para áreas melhores urbanizadas e os de renda baixa vão para a periferia onde não tem infraestrutura adequada e nem serviço público.

Para a autora, “é qualificado como área ou região metropolitana aquele território mais ou menos urbanizado que fica em torno de uma grande cidade e depende dela”. (ROBIRA, 2005,

p. 13). Ainda para a autora estes espaços marginalizados descumprem as normas, geralmente a norma da propriedade, sendo rotulado como espaço caótico, irregular e ilegal.

Estes espaços marginais,

Não dispõe de habitações produzidas de maneira industrial e em massa, nem são consumidas, segundo o rendimento, aos preços monopolistas que impõe o capital imobiliário; pelo contrario, a habitação costuma ser autoconstruída, geralmente de forma muito precária, e as infraestruturas básicas são altamente deficitárias para circular ou dispor de energia elétrica, água, esgoto...; não são menos deficitários os equipamentos e serviços básicos de saúde, cultura, educação... (ROBIRA, 2005, p.17)

Porém, infelizmente este espaço marginal dotado de aparência física degradante, geralmente, sendo área portuária, industrial ou áreas centrais abandonadas, está sujeito ao processo de gentrificação por ter “potencial de valorização” (TEOBALDO, 2010).

O termo “gentrificação” foi usado pela primeira na década de 1960 por Ruth Glass, socióloga alemã, para explicar as mudanças ocorridas nos bairros londrinos, onde as camadas populares foram substituídas pelas médias, tal processo evoluiu de forma rápida marcando o urbanismo contemporâneo (SMITH, 2006).

Para BidouZachariassen (2006) gentrificação se denomina como sendo um processo de povoamento envolvendo as mudanças dos centros urbanos nas mais diversas dimensões como material, econômico, social, ou seja é:

Um fenômeno físico, econômico, social e cultural. Gentrificação comumente envolve a invasão por grupos da classe média ou de alta renda de bairros anteriormente da classe trabalhadora ou vários ocupantes das áreas crepúsculo e a substituição ou deslocamento de muitos dos habitantes originais. Ele envolve a renovação física ou revitalização do que era frequentemente um parque habitacional bastante deteriorado e sua atualização para atender as exigências dos seus novos proprietários. No processo, a habitação nas áreas afetadas, tanto renovado e não reformado, sofre um preço significativa valorização. Tal processo de vizinhança transição geralmente envolve um grau transformação de posse de alugar a possuir. (HAMNET, 1984, p. 284 apud CARTER, 1995, p. 294)

Ou seja, esta mudança social urbana é a expulsão de uma população com recursos econômicos e culturais escassos havendo a substituição por aqueles que ao contrário dos expulsos, são dotados de recursos econômicos e culturais, e as residências velhas são renovadas e surgem novos empreendimentos de luxo (RIGOL, 2005).

Para Mongin (2009),

[...] ela acompanha a constituição de um centro de alto rendimento, aquele que corresponde, em pequena ou grande escala, à cidade global, e uma reorganização do centros de cidade onde as zonas seguras coabitam com espaços onde se reagrupam as populações precarizadas atraídas pelos lugares de conexão (MONGIN, 2009, p. 213)

BidouZachariassen (2006) constatou que existem duas tendências que organiza o processo de gentrificação, uma pautada no peso econômico da promoção imobiliária sobre áreas que estão em processo de valorização e outra pautada no modo de vida e consumo que atrai atores individuais.

### **Constituição local do problema**

Em 1965 Itapoã era chamado de Apicum do Poço, o bairro era um sítio com poucas casas construídas, sem infraestrutura como água encanada e asfalto. Foi na década de 1970 que os primeiros conjuntos habitacionais foram construídos, aumentando o número de pessoas morando no bairro, dessa forma a região foi-se organizando e ganhando infraestrutura como luz elétrica, transporte urbano e conseqüentemente o comércio começou a vigorar. Na década de 1980 a região já estava tomada por casas populares, mais recentemente grandes empreendimentos imobiliários mudando a estrutura do bairro, muitas casas são demolidas para dar espaços aos condomínios que ocupa a maior parte da orla (MORRO DO MORENO, 2010).

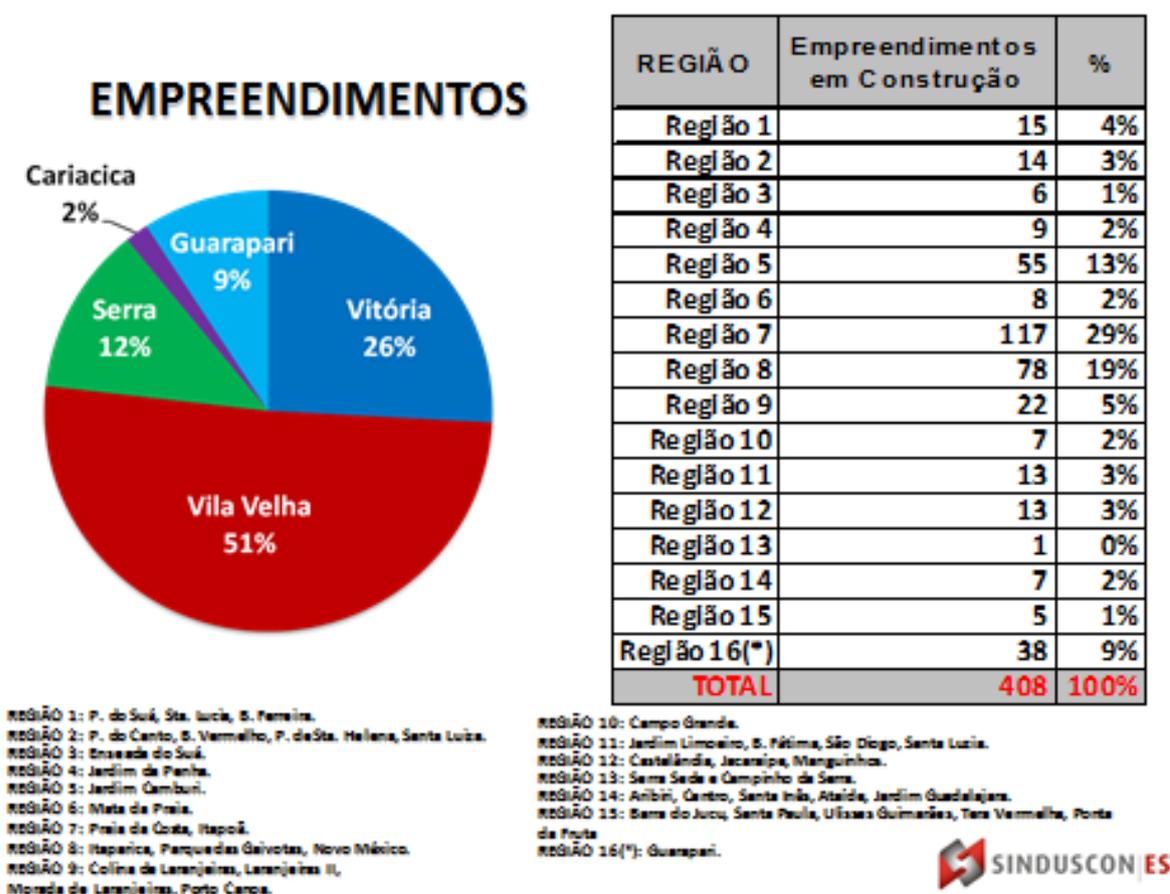
Esse aumento de empreendimentos imobiliários acaba por produzir “um efeito de interferência cultural e uma perturbação organizacional no processo de trabalho da pesca, mercedores de maior atenção e avaliação” (JESUS, 1984, p. 29). Na década de 1980 já havia uma preocupação com relação aos empreendimentos imobiliários construídos próximos à colônia de pescadores de Itapoã.

Região nobre, no que tange ao valor imobiliário, a colônia se encontra hoje cercada por conjuntos habitacionais, com prédios de três a quatro andares, levando a proliferação de interesses os mais variados, estranhos e muitas vezes agressivos a ela (JESUS, 1984, p. 31).

Três décadas se passaram e esse problema ainda preocupa a região, devido a valorização monetária elevada da região. A observação da área detecta o sufocamento sofrido pelas residências dos pescadores devido os grandes investimentos imobiliários que estão sendo erguidos próximos à eles.

Atualmente, o bairro de Itapoã – Vila Velha, juntamente com o bairro Praia da Costa, formando a região 7, comporta 29% do empreendimentos construídos na Região Metropolitana da Grande Vitória e 23% são as unidades construídas como mostras as figuras I e II.

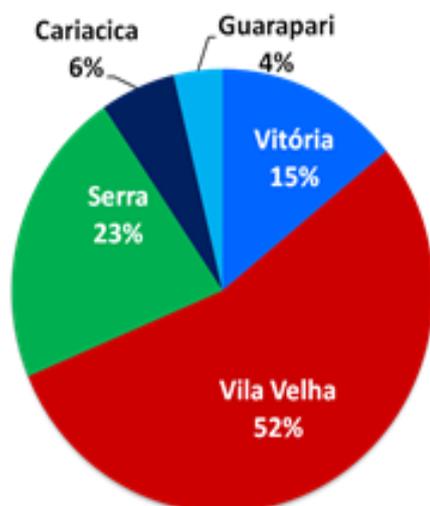
FIGURA I - Número de empreendimentos, por região, na Região metropolitana da Grande Vitória.



FONTE: SINDUSCON/ES

FIGURA II - Unidades em construção (por região) na Região Metropolitana da Grande Vitória em 2013.

## UNIDADES EM CONSTRUÇÃO



REGIÃO 1: P. do Sul, Sta. Lucia, S. Ferreira.  
 REGIÃO 2: P. do Canto, S. Vermelho, P. de Sta. Helena, Santa Luiza.  
 REGIÃO 3: Enseada do Sul.  
 REGIÃO 4: Jardim da Panha.  
 REGIÃO 5: Jardim Camburi.  
 REGIÃO 6: Mata da Praia.  
 REGIÃO 7: Praia da Costa, Itapoã.  
 REGIÃO 8: Itaperica, Parques das Grivotas, Novo México.  
 REGIÃO 9: Colina de Laranjeiras, Laranjeiras II, Morada de Laranjeiras, Porto Carlos.

REGIÃO 10: Campo Grande.  
 REGIÃO 11: Jardim Limoeiro, S. Pátima, São Diego, Santa Lucia.  
 REGIÃO 12: Castelândia, Jacarajá, Mangueiras.  
 REGIÃO 13: Serra Sede e Campinho da Serra.  
 REGIÃO 14: Anibini, Centro, Santa Inês, Atalaia, Jardim Guadalupe.  
 REGIÃO 15: Barragem do Jucu, Santa Paula, Ufessara Guimarães, Terra Vermelha, Ponta da Fruta.  
 REGIÃO 16(\*): Guarapari.



FONTE: SINDUSCON/ES

Esta região ganha destaque pelos expressivos números tornando a área valorizada monetariamente fazendo com que a região da Colônia de Pescadores de Itapoã – Vila Velha se torne visada pelas grandes empresas do setor da construção civil. Devido essa grande valorização muitos dos moradores da região não consegue acompanhar o desenvolvimento, pois o ganho como pescador, dono de peixaria e bar (estabelecimentos comuns na região) não

gera recurso suficiente para continuar residindo na região. Assim, muitos acabam por sair da colônia e residirem em um local mais propício e que lhes convém monetariamente.

### **Conclusão**

O texto “O estrangeiro” de Georg Simmel fez refletir sobre a condição dos moradores da Colônia de Pescadores de Itapõa – Vila Velha – ES, pois estes habitantes que são os nativos da região, atualmente se tornaram os estranhos, os estrangeiros, esta condição é perceptível a partir dos moradores dos grandes condomínios do bairro de Itapõa.

Com os grandes investimentos da região pode-se concluir que a região está sendo gentrificada, porém, aos poucos, pois há muito tempo, desde a década de 1980, a região vem sofrendo com esse processo de desenvolvimento urbano, culminando na revitalização da área e forçando aqueles que vivem na região destituída de infraestrutura a se realocarem em outro espaço.

Assim, pode-se dizer que a falta de políticas públicas para a Colônia de Pescadores de Itapõa – Vila Velha se torna um agravante, pois se houvesse investimentos na região como a melhora do aspecto físico, o fornecimento de melhores condições de vida para os moradores e incentivando o trabalho da pesca artesanal a cidade ganharia mais um atrativo turístico favorecendo tanto os moradores da região como o próprio setor público.

### **Referências bibliográficas**

AB´SABER, Aziz. Metropolização e globalização: desafios e reposição conceitual. In GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Org. **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo: EDUC, 1997. 175 p.

BIDOU ZACHARIASEN, Catharine. **Introdução. De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006, pp. 21-54.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar: Mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton. Org. **O novo mapa do mundo: Fim de século de globalização**. São Paulo, Editora Hucitec. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1993, 343 p.

CARTER, H. **O estudo da geografia urbana**. 4º ed. Londres: Arnold, 1995.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

GASPAR, Ricardo Carlos. **Espaço metropolitano, política e economia global**. Cadernos metrópole, 14, pp. 31-49, 2º semestre, 2005.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 228p.

JESUS, Antonio Claudino de. **Marterra: Pescadores de Itapõa**. Vitória-ES. Sub-Reitoria Comunitária – UFES, 1984.

MORRO DO MORENO. **Itapõa**. 2010. Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/itapoa.html>>. Acesso em 30 de Outubro de 2013.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 344p.

RIGOL, Sergi Martinez. A gentrification: Conceito e método. In CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles (Orgs). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. Novas abordagens. GEOUSP; v.4.

ROBIRA, Rosa Tello. Áreas metropolitanas: espaços colonizados. In CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles (Orgs). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. Novas abordagens. GEOUSP; v.4.

RODRIGUES, Walter. **Globalização e gentrificação: Teoria e empiria**. Sociologia – Problema e Práticas. nº 29, 1999, pp. 95-125.

SÁNCHEZ, Joan-Eugeni. Metropolização e modernidade. Tradução de Antônio de PaduaNanese. In: SANTOS, Milton. Org. **O novo mapa do mundo: Fim de século de globalização**. São Paulo, Editora Hucitec. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1993, 343 p.

SMITH. Neil. **A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à regeneração urbana como trajetória urbana global**. São Paulo: Annablume, 2006, pp. 59-85.

SOBRAL, Helena Ribeiro. Metropolização e globalização: problemas atuais. In: GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Org. **Globalização, metropolização e políticas neoliberais**. São Paulo: EDUC, 1997. 175 p.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho. **A cidade espetáculo**. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 137-148.